

# Entre arte e ciência: imagens e palavras experimentam por uma ciência aberta

Fernanda Cristina Martins Pestana<sup>1</sup>

---

## Resumo

Este artigo é uma trama de linhas que modulam a abertura de pontos de encontro *entre arte e ciência*. Abrem um território *entre* no qual proponho experimentar, com palavras e imagens, possibilidades de proliferar sentidos e sensações. Para isso apresento experimentações por quatro relatos que desejam, por si sós, constituir *corpos*, organismos vivos que habitam a fronteira difusa *entre arte e ciência*. As linhas que delineiam as imagens problematizadas nesta escrita e desenham as palavras que fazem dela uma publicação científica são as mesmas, por isso são estas linhas que minam um *entre* saberes por onde *corpos-imagem* e *corpos-escrita* transitam, ganham vida e voz na *invenção de problemas* (DELEUZE, 1999) e, ao mesmo tempo, de soluções. Uma aproximação com o conceito de uma *ciência aberta* (PRIGOGINE; STENGERS, 1997), que se deixa afetar pela arte ao *colocar suas questões*, ou seja, que permite o cruzamento de saberes na produção de conhecimentos.

## Palavras-chave

Arte; ciência; experimentação.

## Abstract

This article is a mesh of *lines* that modulate the opening of meeting points *between art and science*. They open an *in-between* territory in which I propose experimenting, with words and images, possibilities to proliferate senses and sensations. For this I present four reports that are themselves *bodies*, living organisms that inhabit the diffuse frontier *between art and science*. The *lines* that delineate the problematized images in this writing and draw the words that make it a scientific publication are the same; therefore, these lines undermine a *between* knowledge fields where *image-bodies* and *writing-bodies* transit, come to life and voice in the *invention of problems* (DELEUZE, 1999) and, at the same time, of solutions. An approach to the concept of an *open science* (PRIGOGINE; STENGERS, 1997), that allows itself to be affected by art when placing questions or, in other words, that allows knowledge crossings in knowledge production.

## Keywords

Art; science; experimentation.

---

<sup>1</sup> Graduada em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestranda do programa de pós-graduação em Divulgação Científica e Cultural do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) e Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp.

**Primeiro relato: o desenho quase científico**

*Nós nos conhecemos nos primeiros anos da graduação. Eu me sentava ali, em frente àquele corpo-matéria inquieto, durante horas e horas. Aquele corpo conversava comigo, soprava suas linhas e formas que se desmaterializavam sobre meus papéis em múltiplas resoluções. Aquele corpo era o meu problema. O cabelo um fogo, a cintura uma corda, os pés uma poesia... Curvas e mais curvas incapturáveis ventavam sobre minha mesa e escapavam de mim. Ao mesmo tempo alguma coisa colava-se sobre o meu papel sempre que a dança começava e a desordem pairava. Cada desenho tornava-se um novo problema, cavava um novo buraco poroso pelo qual me sopravam as mais diversas novas soluções. Eu amava*



Linhas que escorrem pelas mãos e desenharam, traçam intensidades, modulam a abertura de um ponto de encontro. As linhas que desenharam são as mesmas que escrevem, rabiscam palavras, delineiam formas, borram os limites que definem os corpos traçados. Pontos de encontro em linhas cruzadas que não são submetidas a julgamentos de oposições, como uma coisa ou outra, mas que incorporam algo *entre* uma coisa e outra. Sobreposições que constituem *corpos* de compostos mistos entre o que se pretendem e o que podem vir a ser. Linhas que tecem, alinham *corpos* improváveis, amarram conexões numa costura lenta e duradoura. Linhas que experimentam e conhecem, desenharam e escrevem, incertas e sábias – linhas que percorrem as emendas da arte e da ciência.

Presentes nos livros, nas publicações, nas catalogações de laboratório, no nome das coisas, nos cadernos de escola, nos

cadernos de artistas, nos desenhos, nas fotografias, nos esboços, nas paredes, nas cidades, as linhas percorrem e atravessam os limites entre arte e ciência. Uma *matéria* em comum entre esses saberes no que se faz presente nas escritas da pesquisa científica e nas composições imagéticas e artísticas. É com ela que pretendo amarrar e soltar esta escrita, experimentando por imagens e palavras que delineiam problemas tecidos entre saberes. Experimentações que habitam este *entre*, esta linha indiscernível das fronteiras *encontrar aquele corpo-matéria e dele extrair e grafar minhas linhas, sempre sólidas, inventar meus problemas. Bebia daquele corpo que me escorria pelas mãos puro conhecimento. Isso não significa que o compreendia como um todo absoluto, nem mesmo que havia esgotado todas as possibilidades daquele corpo, mas que me propus a dele extrair saberes expressos em grafias, ou vazios, ainda muito sábios, espalhados por folhas em branco. Eu estava ciente daquele corpo, eu tinha ciência dos meus desenhos, porém, as instituições me apartavam das categorias do saber: não se tratava de uma ciência humana, nem mesmo uma ciência exata, mas talvez uma quase ciência. Aquele corpo ainda dura em mim, permanece como problema vital, cheio de soluções, pois eu ainda muito sei sobre ele. Eu seria capaz de tornar a inventá-lo no prazer de quase conhecer.*



da arte e da ciência, e que criam composições novas nesse ponto de encontro, traçam linhas que nos permitem adentrar por saberes.

Linhas cruzadas na composição de relatos que experimentam a proposição de *corpos*. Desenharam com

estes relatos *corpos* que transitam *entre* arte e ciência, cavam um território onde é possível traçar tramas de saberes (im)prováveis e inesperados, bem como inventar problemáticas e soluções em que estes *corpos* ganhem vidas novas, proliferantes de sentidos e sensações. Relatos que experimentam a própria escrita como este território *entre* e constituem *corpos-escrita*; relatos que experimentam imagens da divulgação científica pelo vídeo *Cores Secas em imagens da ciência* (disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=5QVz2L2ljHo>>), numa proposta de delinear a *matéria-cor* das imagens, por fragmentos que secam as suas significações, e constituem *corpos-imagem*. Ensaios em que os seres – *corpos-escrita* e *corpos-imagem* – compõem, ao mesmo tempo, *corpos-matéria* com os quais proponho experimentar um desprendimento de seus sentidos dados, daquilo que os coloca em rota linear, e inibe possíveis desvios, pois “desse modo, a percepção não é o objeto mais algo, mas o objeto menos algo, menos tudo o que não nos interessa” (DELEUZE, 1999, p.16). Uma proposta de redesenhá-los nestes relatos por linhas não lineares que divagam numa imensidão

### ***Segundo relato: o problema do corpo-escrita***

*Era incrível como até então corpos-matéria me fascinavam. O exercício do olhar sobre a materialidade era constante, não que eu rejeitasse qualquer item não palpável, mas é que o tátil sempre foi mais gostoso. Na verdade, um estado de choque me inquietava até dias atrás... Os momentos inesgotáveis em que eu experimentava em êxtase dos mais variados corpos, de repente pareciam estar excluídos das metodologias da pesquisa científica, afinal nada era quantificável, qualificável ou mensurável, nem mesmo precisamente descritível ali. Fui então tomada por uma sensação de que somente a palavra seria intrínseca à produção de conhecimento. Esta até então não havia seduzido meu olhar, encharcado minha boca sedenta*

*em experimentar. Eu me limitava a articular ideias e conceitos, a fazer descrições e citações*



a ampliar suas possibilidades de vida.

*Corpos* rabiscados por palavras e fragmentos de imagens que experimentam a *invenção de problemas* (DELEUZE, 1999) nestes relatos, problemas que constituem mais um órgão, mais uma parte que os compõem. Colocam em questão quais os limites que separam arte e ciência como disciplinas distintas nas intuições de ensino, por experimentações com a escrita que não tendem a entrar em um jogo de oposições, mas existir no *entre*, nas linhas que as atravessam. Problematizar as imagens criadas para divulgar uma ciência pretenciosa a controlar o destino e o futuro dos humanos, em um processo de secar as suas significações por uma experimentação que as fragmenta, delinea suas cores numa recomposição, na vontade de fazê-las proliferarem outras possibilidades. *Corpos-matéria-escrita-imagem* desalinhados entre arte e ciência relatam momentos em que se esbarram por vidas múltiplas e provocam movimentações, alterações, deslocamentos que fazem pulsar problemas por experimentações. Dão vitalidade aos problemas: a mesma linha que desenha, escreve e recorta imagens, costura um corpo inventado com/pelos *corpos-matéria* por experimentações.

Essas linhas que atenuam a fronteira da arte e da ciência são as mesmas que envolvem o encontro entre os problemas e suas possíveis soluções. Ao experimentar com a escrita e com – *limitava-me a um cientificismo quase puro. O fazer científico era como uma avalanche sufocante de palavras sobre mim que, a princípio, parecia sobrepor-se às experimentações com os corpos-matéria com as quais eu estava habituada. Não parava*

de me questionar sobre a legitimidade quase científica do que eu até então conhecia por conhecer, por saber, e me senti encurralada num falso beco sem saída, em que não haveria brechas para provar nada além da escrita. Mas acontece que aí está: “provar nada além da escrita”, “**provar (...) da escrita**”... O desafio está posto em minhas próprias palavras, pois me faltava enxergar que a escrita não é incorpórea. Ela constitui um corpo novo para mim – um corpo-escrita que deve ser incorporado e inventado entre os meus problemas. Reconheço-me agora no desejo de traçar possibilidades em existências, nas quais estes corpos-matéria e corpos-escrita se atravessam em criações. No desejo de experimentar do corpo-escrita deixei-me afetar por ele. Tenho prazer em conhecê-lo.



a imagem, a constituição de *corpos*, e ao pretender que eles por si sós movimentem a criação de outras possibilidades de vida, encontramos neles mesmos as soluções para os problemas que saltam entre as linhas que os compõem. Os mesmos *corpos* que formulam problemas, ao se desdobrarem em novas experiências, que não se fixam nas grafias aqui desenhadas, constituem também suas próprias soluções, pois, ao mesmo tempo em que *colocam questões*, experimentam possibilidades de movimentar a criação de outras coisas, sentidos e sensações. As soluções encontradas nas próprias experimentações não se limitam a transmitir informações ou formular problemas, mas pretendem criar uma trama embaraçada por tramas que não desatam solução e problema. *Corpos-escrita* e *corpos-imagem* que insistem em permanecer no encontro das linhas que os percorrem, em resistência aos esquemas de

oposições “problema-solução”, “arte-ciência”, persistindo na movimentação em que um se torna o outro constantemente.

Relatos que experimentam por linhas emaranhadas os limites borrados das noções dadas sobre os saberes de artes e ciências. Para pensar esses relatos como experiências potentes para a produção de conhecimentos (no que colocam questões) e cruzamento de saberes, encontro nesse emaranhado uma linha que nos leva ao conceito de uma *ciência aberta*, de Illya Progogine e Isabelle Stengers (1997), uma ciência que traça conexões diversas e se abre a possibilidades

### Terceiro relato: Cores secas em imagens da ciência

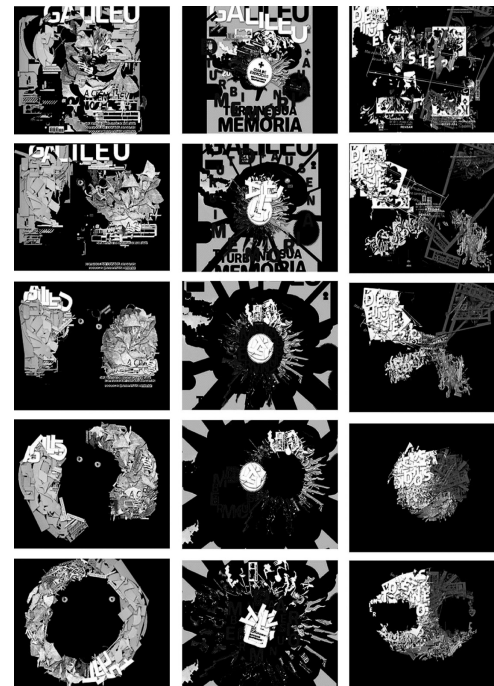


Figura 1. Imagens do vídeo *Cores Secas em imagens da ciência*. Arquivo pessoal da autora, 2011.

### ***Quarto relato: a voz das imagens por entrevistas***

*Desde o início tinha a sensação de que elas guardavam segredos, de que queriam dizer algo além das palavras que sempre as acompanhavam. Propus uma conversa com a promessa de que elas poderiam também ser divulgadas de outras maneiras, incorporando novos corpos. Experimentamos juntos, eu e as personagens do vídeo Cores Secas em imagens da ciência, a composição deste corpo.*

*Rei de Copas, por favor, diga-me a verdade: o destino existe?*

*Resp.: Minha cara, o fato é que a verdade está em crise. Está tudo desmoronando, minha imagem parece um espelho despedaçado, meus fragmentos estão soltos dançantes à toa. Antes todos acreditavam nas minhas profecias, eu vivia dizendo por aí que eu era super*



de transformações: “pensamos que, com a ciência metamorfoseada, o diálogo cultural é de novo possível e que, de forma inseparável, uma nova aliança pode firmar-se com a natureza, em cujo devenir participem do jogo experimental e a aventura exploratória da ciência” (PRIGOGINE; STENGERS, 1997, p.41). Uma ciência que também experimenta digavar por esse emaranhado de coexistências que estabelecem conexões (im)previsíveis e (im)prováveis, e está aberta a possíveis interferências de novas linhas que podem vir a sobrepor essa trama – a possibilidade de uma *metamorfose da ciência* no encontro com a arte. Linhas que percorrem um estreitamento de saberes:

Com efeito, quando seguimos cada uma das “linhas” para além da viravolta da experiência, é também preciso

reencontrar o ponto em que elas se cortam, o ponto em que as direções se cruzam e onde as tendências que diferem por natureza se reatam para engendrar a coisa tal como nós a conhecemos. Dir-se-á que nada é mais fácil e que a própria experiência já nos dava esse ponto. (DELEUZE, 1999, p.20).

Na vontade de experimentar por imagens, escolhi as imagens dadas pela divulgação científica por capas de revistas que ainda dizem de uma ciência fechada, detentora de verdades e certezas sobre a humanidade. Uma proposta de encontrar na própria interessante e quando alguém me perguntava sobre o destino eu respondia: “Seu futuro já está escrito – e quem garante isso é a ciência”. Mas agora não sirvo mais como parâmetro, pois o meu modelo está desfigurado. Fui surpreendido por um tempo distinto, como se eu fosse uma pintura de tinta seca, craquelada, como se cada um dos meus pedaços secos se soltasse e fossem se aglutinar com outros, em outros lugares. Quando ouvi a música tocar, meus fragmentos ganharam vida própria numa dança em que não eu significava mais nada, ou melhor, meus sentidos haviam se tornado tão múltiplos que eu não conseguia me prender a nenhum. Meus fragmentos criaram suas próprias verdades, traçaram micronarrativas entre luzes vermelhas, azuis e amarelas, aqueceram-se na dança como corpos pulsantes.

*Gatinho, quando você nasceu?*

*Resp.: Eu não nasci, na verdade eu morri. Sou uma imagem-morta, de existência vendida, fixada numa superfície plana sobre as prateleiras... Ninguém me dá leite nem afago, pois*



materialidade dessas capas possibilidades de abertura, de desdobrá-las na experimentação com o vídeo *Cores Secas em*

*imagens da ciência.* Delinear cores, formas, pixels, tons em fragmentos dançantes que se recompõem, secam as significações dadas pelo que se divulga das ciências. Estes fragmentos constituem *corpos-imagens* que traçam micronarrativas próprias, experimentam novas possibilidades vivas de poéticas e políticas neste estreitamento *entre arte e ciência*:

E olhei, especificamente, para as imagens da divulgação científica, no encontro com um estado de secura, no qual a matéria por si só ganha força, potencializa a proliferação de sentidos e sensações fluentes por pensamentos soltos, fragmentados como pequenas peças de uma grande máquina do pensamento. (PESTANA, 2011, p.02).

*Corpos* adensados que rabiscam um emaranhado de possibilidades pulsantes, uma espacialidade aberta pela qual os fragmentos das imagens divagam, tramam encontros, desenham novos corpos que não se finalizam, mas estão sempre sendo redesenhados, uns sobre os outros, ensaiando uma dança de incertezas e (im)previsibilidades. Uma multiplicidade de problemas

*estou morto. Desejo uma vida livre, longe desta apatia, mas o que hei de fazer? Sou pura cor, puro tom cinzento, nebuloso, aveludado, fadado a esperar por um chip que me traga alguma identidade... Não, não sou mais gato, sou robô, estático, espero que eles não venham novamente com essa ideia de que sou como aqueles que usam marca-passo, lentes de contato e GPS, pois gosto de seguir meus instintos, mesmo que artificiais. Desejo uma vida seca, olhar para cada pedaço do meu corpo e sentir algo pulsar; chega dessas representações sobre o futuro, de que eu serei isso e aquilo, totalmente controlado e domesticado. Eu quero vida própria em cada um de meus pelos enxugados, mesmo que ainda imagem, que ainda pura cor e puro tom, eu quero vida, quero a proliferação de vários nascimentos dentro de mim, nascimentos que façam pensamentos dançarem em movimentos sedutores. Desejo ser seco*

*como a rocha que se esfarela no deserto e o vento leva, torna-se areia pairando no ar e no tempo, areia que salta, sopra e vai.*



Figura 2. Imagem do vídeo *Cores Secas em imagens da ciência*. Arquivo pessoal da autora, 2011.

*Cérebro-turbinado, o que pode um cotidiano que prolifera ao experimentar?*

*Resp.: O cotidiano é muito poderoso. Você pode começar experimentando o “bom dia”, o “boa tarde, o “boa noite”; o sorriso, a lágrima... simples assim. O dia de mau humor que se deixa afetar pelas pequenas coisas, e o dia de bom humor que se afeta pelas menores ainda. O mais importante é experimentar a cada dia políticas cotidianas próprias, inventar um cotidiano que lhe seja pertinente e que lhe permita tecer conexões com o outro. Eu, como imagem cotidiana, crio também minha política. Escolho minhas cores, minhas formas, meus desenhos,*

*minha composição, minhas significações. Antes de atuar neste vídeo, preocupava-me muito em representar algo dado, ilustrar as palavras que me acompanhavam. Porém, experimentei com ele a interpretação de uma nova política: a de proliferar a vida, proliferar sentidos e sensações novos, abertos, dançar uma música que me fez perder o controle do que eu até então me propunha a representar. Meus fragmentos agora são corpos vivos delirantes.*

*Muito obrigada, foi um prazer conhecê-los.*



simultâneos traçados na rota de cada fragmento. Corpos-imagens que experimentam nas entrelinhas desta escrita dizer de si mesmas, relatar vontades, desejos, políticas e poéticas próprias que se abrem por entrevistas. Relatos por corpos-imagem e corpos-escrita inventam problemas e soluções coexistentes numa mesma materialidade, experimentam com aquilo que está dado pela divulgação científica possibilidades de desdobramentos de uma noção das ciências, por uma trama de linhas que a fazem esbarrar e difundir-se pela arte.

Experimentar: arte ou ciência? Esse seria um falso problema, mal formulado, desmerecedor de qualquer solução. Não há separação precisa, nem mesmo o deveria; os limites são tênues, as amarras são agressivas. Dois territórios instáveis, desestabilizados por experimentações em fluxo por linhas que tecem um entre arte e ciência, sem que possamos fixá-las a qualquer um deles. O problema bem colocado está no ponto em que esses saberes se encontram, nas linhas difusas pelas palavras desenhadas e pelas imagens por elas delineadas. Solução: experimentar arte e ciência; entrelaçar corpos-escrita e corpos-imagens por experimentações com as quais seja possível formular problemas e soluções potentes, encontrar na própria

materialidade desses corpos possibilidades de compor vidas que se proliferem pelas vozes que traçam relatos ressonantes.

### Referências

DELEUZE, G. *Bergsonismo*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1999.

PESTANA, F. A imagem digital e a minoridade: foto(des) montar os padrões da divulgação científica. *Revista Alegrar*: Porto Alegre, n.08, dez/2011. Disponível em: <[http://www.alegrar.com.br/revista08/pdf/a\\_imagem\\_pestana\\_alegrar8.pdf](http://www.alegrar.com.br/revista08/pdf/a_imagem_pestana_alegrar8.pdf)>. Acesso em: 06 ago. 2012.

PRIGOGINE, I.; STENGERS, I. *A nova aliança*: metamorfose da ciência. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

VIVEIROS, P. Espaços densos: configurações da imagem digital no cinema. In.: FURTADO, B. (org.). *Imagem contemporânea*: cinema, tv, documentário, fotografia, vídeoarte, games..., São Paulo: Hedra, v.1, p. 73-90, 2009.

Recebido em 22 de maio de 2012 e aceito em 27 de agosto de 2012.